

90 anos de vida de Hebe Rôla





90 anos de vida de Hebe Rôla
e 75 anos dedicados à Educação e à
Cultura Marianense

ALDRAVA LETRAS E ARTES
Mariana- MG
2021



Em Mariana

A arte esvoaça no voo dos pássaros

Chora no dobre dos sinos

Canta nas bandas de música

Nos conjuntos de seresteiros...

Nos corais

Pinta nos tetos dos templos e

Esculpe as portas dos sacrários

Desenha nas fraldas das montanhas

Borda nas minas

E nos leitos dos rios...

Hebe Rôla

Copyright – Aldrava Letras e Artes -2021

Direitos reservados à Aldrava Letras e Artes. Reprodução autorizada desta obra, desde que citada a fonte

Projeto Gráfico e Diagramação: Gabriel Bicalho
Montagem e Coordenação da edição: Andreia Donadon Leal

Foto da Capa: Ailton Fernandes

Revisão: AUTORES

LEAL, Andreia Donadon / DONADON-LEAL, J.B.
(ORGANIZADORES)

Aldrava Letras e Artes; Mariana – MG; 2020;

1ª Edição; 128 páginas.

ISBN:

1. Ensaios
2. Crônicas
3. Poesias

CDD

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme legislação em vigor.///

EDITORA ALDRAVA LETRAS E ARTES

Rua São Gonçalo, 123

Bairro: São Gonçalo.

CEP: 35420.000 = Mariana – MG

www.jornalaldrava.com.br

Esta é a edição especial do “*Mariana: Cellula Mater das Gerais*”, dedicada **aos 90 anos de vida – 75 anos dedicados à Educação e à Cultura Marianense** da Presidente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Hebe Rôla.

O E-book da Editora Aldrava Letras e Artes contém textos (crônicas, artigos, poesias, ensaios) dos membros efetivos da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências em Artes e convidados, com o apoio da *LEI CLÁUDIO MANUEL DA COSTA ATHAÍDE*, Prefeitura Municipal de Mariana – Secretaria de Cultura de Mariana, em livro digital no site da Editora ALDRAVA LETRAS E ARTES.

Os textos contemplam assuntos que valorizam o NONAGÉSIMO aniversário da professora, Hebe Rôla.

Apresentação

Por Andreia Donadon Leal *

Minha gratidão à professora Hebe Rôla é imensurável. Meu anjo da guarda nos tempos de graduação, quando cursava Letras na Universidade Federal de Ouro Preto. Ela, várias vezes me socorreu, abrigando-me em sua casa até que melhorasse, pois naquele tempo sofria de irremediável problemas de saúde. Completando 90 anos na presidência da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, ativa participante da ALACIB-MARIANAS e da ALDRAVA LETRAS E ARTES e na coordenação da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas – Infantojuvenil e da Academia Marianense Infantojuvenil de Letras, Ciências e Artes (idealizadora e coordenadora); enfrenta a pandemia produzindo e publicando em redes sociais, Hebe continua com a vitalidade de sempre. Essa vitalidade não poderia deixar de ser comemorada com a publicação deste livro em sua louvação. Convidei acadêmicos, parceiros de trabalho e de vida literária para

participarem desta publicação. Prontamente todos atenderam e enviaram textos que marcam a grandeza do espírito criativo, empreendedor e benevolente da mais popular professora de Mariana.

Fiquei feliz com o resultado. Essa publicação, embora singela, é uma sincera homenagem da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes, da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil (ALACIB-MARIANA), da Aldrava Letras e Artes, da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas – Infantojuvenil, da Academia Marianense Infantojuvenil de Letras, Ciências e Artes e da Universidade Federal de Ouro Preto à sua louvável trajetória profissional, artística, literária e de pessoa que prestou assistência à sociedade desmedidamente.

Parabéns por esta data natalícia, e desejos de muitos anos de vida!

Andreia Donadon Leal: Membro da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes; Presidente da ALACIB-MARIANA; Coordenadora de projetos culturais da ALDRAVA LETRAS E ARTES. Ex-aluna da Professora Hebe Rôla: ICHS/UFOP (1998 - 2002)

A Arte de Cerzir

Não costuro
algodão ou seda
cirzo ideias
onomatopeias
emendo
remendo
corto radicais
retalho palavras
combino
desfaço
raízes
sacralizadas
do algodão
que aquece
acaricia
acalenta
corações
com a seda
macia
que encanta
traíçoeira
miragem
de amor

eterno
com trinado
de pássaros
e néctar
de flores
bordo
poemas
cerzindo
morfemas
trovas
haicais
aldravias
epitáfios
frios
em cruz
tremeluzindo
fonemas
signos
de luz

Hebe Rôla



Com esse poema, deixamos nossa homenagem ao “Dia Internacional do Idoso”, instituído pela Organização das Nações Unidas em 1991, nos lembrando a importância de garantir os direitos à população da terceira idade. *Fonte: Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.*



Textos em Homenagem à Hebe Rôla





*Membros da Casa de
Cultura - Academia
Marianense de Letras,
Ciências e Artes*

Andreia Donadon Leal
Angelo Oswaldo
Anicio Chaves
Danilo Gomes
Francisco José dos Santos Braga
José Anchieta da Silva
Gabriel Bicalho
J.S.Ferreira
Luciano Guimarães Pereira
Luiz Tyller Pirola
Rafael Arcanjo Santos de Letras.
Samylla Mól

Discurso de Saudação à Hebe Rôla na AMULMIG – Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais

Andreia Donadon Leal – Membro da Academia
Marianense de Letras, da ALACIB-MARIANA, da
ALDRAVA LETRAS E ARTES e da AMULMIG

Falar de HEBE MARIA RÔLA SANTOS, para mim, não é falar exclusivamente da Educadora, da Acadêmica, da Escritora no sentido lato da PALAVRA; da Estudiosa e Pesquisadora do folclore e da cultura Popular, mas do ser humano multifacetário, extraordinário, incansável, e de valor imensurável, para a história da Literatura e da Cultura Popular Mineira, que hoje está aqui, sendo acolhida com honras e louvores, na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, representando a cidade de Mariana. Ser nomeada membro desta Academia de Letras é ter o reconhecimento do trabalho em torno da defesa da Língua Pátria e da Cultura. O Presidente Emérito da AMULMIG, Dr. Luiz Carlos Abritta, disse em um de seus magníficos discursos de Final de Ano, que a AMULMIG é a academia que busca, em lugares mais longínquos dos Municípios Mineiros, JOIAS RARAS. O Acadêmico Abritta frisou: “aqui, na Casa de São Francisco de Assis, abrigamos joias raras do interior mineiro”! Bem o disse, pois hoje, estamos com UMA JOIA da PRIMAZ DE MINAS, quiçá a joia mais rara, brotada e batizada naquela

cidade, para ser BALUARTE DA CULTURA, nos últimos sessenta anos.

Na história da mineração no Brasil, as primeiras pedras preciosas foram descobertas na Região dos Inconfidentes. O ouro é sinal de riqueza, de abundância e forma de sobrevivência para muitos trabalhadores. Mas, a Região não se contentou em criar apenas “minas importantes” para a exploração e sustentação do homem; criou também, nas Margens do Ribeirão do Carmo, RIQUEZA INTELECTUAL, nascida e criada no seio Materno de Minas Gerais. Eis nossa RIQUEZA MAIS PRECIOSA, a Acadêmica Hebe Maria Rôla Santos, personagem atuante na cultura, na intelectualidade, na Educação e na Pesquisa sobre a Linguagem dos Sinos, na Primaz de Minas. A tarefa de apresentá-la à AMULMIG é de extrema responsabilidade; responsabilidade essa que tenho o maior prazer e orgulho de fazer, pois, dignificante e honroso é o trabalho DA DAMA DA CULTURA de Mariana, que se destacou e se destaca desde a Primaz; escalou, com energia e garra poética, as montanhas de Minas, com trabalho, talento e desempenho inigualáveis, para ser exemplo. Sua missão é ser EXEMPLO para a Humanidade, Professora Hebe, mas os bons exemplos devem ganhar espaço, notoriedade e respeito. Ninguém tem o poder, nem o direito de fazer-lhes sombra ou desprezar seu talento. Os bons exemplos são descobertos, são e serão sempre lembrados e até “copiados” (não vejo mal em copiar os bons

exemplos), pois eles trabalham MUITO e são gigantes em seus atos e em sua benevolência. As palavras são anãs, os exemplos são gigantes, segundo um provérbio suíço. Dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar os outros – É A ÚNICA, bem disse o teólogo, músico, filósofo e médico alemão, Albert Schweitzer. A acadêmica Hebe Rôla não trabalha somente com projetos para um futuro melhor da humanidade, mas para o presente, para o aqui e o agora, que é a forma plena de toda VIDA. É no presente que HEBE RÔLA coloca sua energia, sua atenção e sua concentração. É no presente que HEBE investe todas as suas ações e seus esforços, pois é nele que podemos modificar as consequências do passado, mudar as perspectivas e as possibilidades para um futuro melhor. Para destacar todos os méritos da grandiosa Acadêmica HEBE MARIA RÔLA SANTOS, eu precisaria de um dia e de uma noite, de discurso ininterrupto, na Egrégia CASA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Não o farei e nem solicitarei à digníssima Presidenta Elisabeth Rennó, um dia e uma noite, para discursar sobre o trabalho hercúleo da Professora Escritora Hebe Rôla, mas tentarei no breve momento que é me concedido hoje, falar sobre a obra e o trabalho da Nobilíssima Acadêmica.

SOBRE HEBE RÔLA

Hebe Maria Rôla Santos nasceu em Mariana, MG, em 23.06.1931; filha de José de Carvalho Rola e Guiomar Marques Rola. É ensaísta, poetisa, professora e folclorista. Professora Emérita da Universidade Federal de Ouro Preto, Vice-presidente da Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras. Licenciada em Língua Portuguesa, Língua Francesa e Especialista em Leitura e Produção de Textos: PUC-MG. Foi Professora: de Língua Portuguesa – Ensino Médio no Colégio Providência – Mariana – MG; no Colégio Alfredo Baeta – Ouro Preto – MG. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II – E. E. Dom Silvério – Mariana; Professora de Ensino Fundamental I – E.E. de Bandeirantes- Bandeirantes- Mariana. Auxiliar de Inspeção e Inspetora Municipal: Diretora Concursada da Escola Estadual Cel Benjamim Guimaraens – Passagem de Mariana. Professora de Língua Portuguesa e Suas Literaturas – Curso de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Mariana – MG. Professora de Língua Portuguesa e de Prática e Metodologia de Ensino no Curso de Filosofia do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte na Arquidiocese de Mariana – Mariana – MG. Na UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (campus Mariana) exerceu as funções de: - Professora de Língua Portuguesa – Leitura e Produção de Textos – Nos Cursos de Letras, História, Farmácia e Nutrição; - Professora de Literatura

Infantojuvenil – Curso de Letras; - Prática de Ensino de Língua Portuguesa – Curso de Letras; - Professora de Língua Francesa – Curso de Letras; - Professora de Língua Portuguesa para Estrangeiros; - Além de ter lecionado no Curso de Letras nas Unidades da UFOP em Itabirito e Santa Bárbara. Desenvolveu inúmeros Projetos de Extensão da UFOP, entre eles: Contadores de causos e histórias; Toques e Repiques; Letravida: Vivência e Processos Mnemônicos na terceira idade; Projeto Língua portuguesa através da música e da Contação de Histórias nas escolas estaduais e municipais da Região dos Inconfidentes – Minas Gerais; Criadora e coordenadora da Academia Infantojuvenil de Letras de Mariana – MG; Curso de iniciação ao teatro, Criadora e promotora do “Cantando Alphonsus”, em parceria com o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens. Pesquisadora do folclore, especialmente: personagens, cantigas, linguagem dos sinos de Mariana e Ouro Preto, histórias, parlendas e causos da Região dos Inconfidentes. Na área social, a Acadêmica HEBE MARIA RÔLA SANTOS, foi Presidente das Voluntárias das Obras Sociais Monsenhor Horta, por 10 anos, coordenando atividades e desenvolvendo projetos no Hospital Monsenhor Horta, na creche Casinha de Nazaré e no Lar Santa Maria – Mariana – MG. Recebeu centenas de medalhas, títulos, troféus e comendas, entre eles: Medalha do Dia de Minas – Governo do Estado de Minas Gerais. - Comenda Padre Avelar – Câmara Municipal de Mariana - Medalha Cláudio Manoel da Costa – Centro de

Ensino Federal e Tecnológico – Ouro Preto – MG. Título de Professora Emérita da UFOP. - Comenda Irmã Dulce – Personalidade Feminina de 2008 – INBRASCI – RJ. - Medalha de Recompensa à Mulher – Maçonaria Fluminense e Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. - Título de “Doutora Honoris Causa – da Academia de Letras do Brasil. Foi Vice-Presidente da Casa de Cultura - Academia Marianense de Letras (desde 2017 é Presidente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras. Ciências e Artes), Membro Efetivo da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil – Mariana e da AMULMIG. Membro Efetivo do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, Secretária e fundadora da ALDRAVA LETRAS E ARTES; \membro da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas; Embaixadora Universal da Paz pelo Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à Organização das Nações Unidas (ONU). Publicou os livros: **O Bem-te-Sino** (literatura infantojuvenil - 2004); **Aldravismo: a literatura do sujeito** (coautoria); **O Dia de Minas** (coautoria); **Mãos de Mariana** (coautoria); **Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos** (coautoria); **Chitarô. Cadê o Gato?** (autora). **Escritores Contemporâneos de Minas Gerais** (coautoria – coletânea lançada no 17º Salão do Livro de Paris); **Cronistas e Contistas de Mariana** (coautoria); **Livros das Aldravias**: 1, 2, 3, 4, 5. 6, 8 e 9 (coautoria). Crônicas, ensaios, artigos e contos em revistas universitárias e jornais.

Segundo o exposto pelo professor Dr. J.B. Donadon-Leal no prefácio da obra O BEMTE-SINO, da autora Hebe Rôla: (...) “agora podemos recuperar e registrar a linguagem dos sinos, aquela das comunicações e das festas, das missas, das adorações, das bênçãos, das mortes, etc., muito utilizada desde a primeira de Minas Colonial, especialmente em Mariana com suas igrejas barrocas a nos ensinar que a linguagem também é patrimônio cultural. Isso é o que faz Hebe Rôla, escritora e Professora Emérita da UFOP, ao consorciar com esmero especialidades suas – contadora de história, pesquisadora da linguagem dos sinos e professora no sentido lato da palavra”. Para o Presidente da EDITORA ALDRAVA LETRAS E ARTES, Gabriel Bicalho, na obra O Bem-Te-Sino da acadêmica Hebe Rôla: “Didática e poesia fluem pelo coração de “O Bem-Te-Sino”, livro de leitura agradabilíssima, cujo fio narrativo nos leva à inteligência da linguagem dos Sinos. O cenário para esse belíssimo enredo é Mariana, a “Primaz de Minas”, onde bem-te-vis e sinos harmonizam seus cantos metálicos nas manhãs e nas tardes desta histórica cidade. O Bem-Te-Sino é livro que se destina não somente a crianças, mas, e tão bem, a adultos que se pretendam versados sobre a fala dos sinos”. Assim, conclui o prefacista Donadon: “a bela história de O Bem-Te-Sino, lapidada por Hebe, cumpre com uma função fundamental: a formação da cultura de apoio e incentivo à criatividade infantil. É isto que nos ensina a família Bem-Te-Vi ao aceitar as peripécias do filho diferente, mas ao mesmo tempo o

filho se dispõe a utilizar suas habilidades para o bem social. A singela história de O Bem-Te-Sino é uma profunda aula de virtudes, além de ser um registro inequívoco da linguagem dos sinos, por pouco silenciadas das torres das igrejas históricas de Minas, mas agora perpetuada pela exaustiva pesquisa de Hebe Rôla e pela docilidade da divulgação dessa linguagem para um público em formação. Que todos os sinos cantem em sua homenagem, Hebe Rôla”. No poema CENÁRIO E CENAS, a Acadêmica Hebe Rôla descreve com enlevo poético e voz epifânica, o histórico cenário urbano da cidade de Mariana:

CENÁRIO E CENAS

Em Mariana

A arte esvoaça no voo dos pássaros

Chora no dobre dos sinos

Canta nas bandas de música

Nos conjuntos de seresteiros

Nos corais

Pinta nos tetos dos templos e

Esculpe as portas dos sacrários

Desenha nas fraldas das montanhas

Borda nas minas

E nos leitos dos rios,

Fotografa na cachoeira

Tece nos tapetes de pita e

Nas peneiras, esteiras e balaios de Taquara.

Coreografa e arma nas

Contas-de-lágrimas da Nossa Senhora

Batuca no Zé Pereira da Chácara

Louva no Congado da Barroca

Garimpa e bateia nos filetes auríferos

Reza nas trezenas, nas novenas e

No Setenário das Dores

Poeta no seixo rolado das ruas

E na Ponte de Tábuas

Cultiva e cultua no Seminário São José

No Seminário Nossa Senhora da Boa Morte

No Colégio Providência

No Noviciado Nossa Senhora do Carmo

Planta na colheita do milho e do feijão

Mói na mó pedra-sabão do Moinho d'água

Trota no trote da tropa

E no assobio do tropeiro
Promete, reverencia e agradece
Nos ex-votos e Monsenhor Horta
CRIA FALA
RECRIA VIBRA
INVENTA LAMENTA
REAGE e
Documenta a história do povo
Que Constrói as GERAIS!

A Acadêmica Hebe Rôla retrata com argúcia, em seu artigo publicado, na edição de nº 9, do Jornal Aldrava Cultural, de setembro de 2001, em

“Por que Gaveteiros”, o significado da expressão: “... É muito conhecida a “gaveta de lavar”, aquela que o ourives deixam aberta para amparar a limalha do ouro, quando com ele trabalham. Assim, para os exploradores, Mariana é essa gaveta enorme que recolhia as limalhas dos inúmeros ourives que atraídos pelas pepitas, nestas paragens instalaram-se. Até o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, 1986, Editora Nova Fronteira, ostenta o registro: “Gaveteiros, alusão pilhérica aos habitantes de determinada região de Minas Gerais que têm o costume de esconder os alimentos em gavetas encaixadas nas mesas, quando chegam visitas”. Para desfazer o mal entendido, antes mesmo de a visita entrar na casa dos gaveteiros, brotam pessoas com bandejas de café-medroso (o que vem acompanhado de broa, queijo ou cuscuz), ou café-valente (que vem sozinho), ou ainda de uma boa panela de pedra cheia

de Maneco-com-jaleco (bambá de couve com carne)”.
de Maneco-com-jaleco (bambá de couve com carne)”).

A Acadêmica Hebe Rôla, além de grande poetisa, pesquisadora, autora de excelentes obras de literatura infantojuvenil, é também excelsa contadora de causos e histórias. Seus causos apresentam humor refinado, personalíssimo; saborosos que seduzem, alegram e contagiam a todos os leitores. No conto “Mariana – Sinos e Pássaros, publicado na edição de número 18, ano de 2002, no Jornal Aldrava Cultural, percebemos, o humor contagiante, sedutor e poético da narrativa:

“Menina precoce. Bem cedo aprendeu a usar como alto-falante sinos e pássaros. De qualquer ponto da cidade, o gaveteiro entende-lhe fielmente a mensagem. Das torres do São Francisco, festivamente Mariana canta o antigo provérbio: “DÁ NO PAI Dá na mãe Dá no fio também”. Depois anuncia: “São Francisco tem missa. No Carmo não tem”. Muito artiosa, Mariana-Menina pula nos badalos dos sinos do Rosário, para contar coisas do sineiro do Rosário, para contar coisas do sineiro a São Gonçalo, que já parece não lhe dar ouvidos: “Diogo é bão Digo é bão Pra cumé feijão”. Não faltam à Cidade-Coração, oportunidades para levar ao povo o seu lamento, através dos sinos do Rosário, do Carmo, do São Francisco, das Mercês, de San’Ana, da Confraria ou da Sé. Quando morre um rico, ou um indivíduo filiado a uma ordem religiosa, solene e gravemente ela anuncia: “Tem tem bolão” Tem tem volão” Mas se o defunto é pobre, pouco conhecido: “Tem tem bolinho.

Tem tem bolinho. E às vezes, ela fica engasgada, não sobe às torres, chora baixinho e, cala-se: o defunto é pobre demais e não pertence a nenhuma irmandade. Mariana é inteligente, astuciosa, sabe fazer convenções. Imaginem que os marianenses sabem, antes mesmo de ser-lhe publicado o nome, o sexo do defunto do dia: Dois grupos de badaladas - o defunto é mulher, Três grupos de badaladas - o defunto é homem. Mariana-Menina guarda nas torres e nos ninhos, com cuidado, seus altos-falantes; pendura nos ramos as cheirosas damas-da-noite e, já cansada, fecha as janelinhas de suas casas para dormir, mas antes, como boa gaveteira, espia da greta das janelas os marianenses retardatários, que correm para chegar em casa antes da “Procissão das Almas”. E hoje, aos trezentos e seis anos, por que e por quem Mariana dobra os sinos? Pelos auspícios Suplícios? Pelo poema Dilema? Pela desilusão Reação? Pelo poeta Profeta? Por Zeus Deus? Mariana-Menina a cismar e a duvidar, murmura quase silente, pendurada no sino da Capela da Senhora da Boa Morte, ali no Seminário Menor:

- Sei...
- Não sei...
- Sei...
- Não sei...
- Sei...
- Não sei...
- Seeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeei”...

Majestoso é também, o trabalho que a Acadêmica HEBE MARIA ROLA SANTOS, desenvolveu e desenvolve ao longo de sua vida, em prol da Cultura, do Convívio Social, da Paz, da Educação e da Literatura Mineira. Sua Missão na terra é transformar, partilhar e ser instrumento da Paz; levando amor, perdão, união, fé, verdade, esperança, alegria e muita luz, às crianças, aos jovens e aos idosos, em Mariana. Digo em alto e bom tom para a Acadêmica Hebe Maria Rôla Santos, Mestra e Colaborada atuante e participante, na preservação dos bens materiais e imateriais do Município em que nasceu, mora, trabalha, ama e vive

- Em nome dos confrades desta conceituada Academia de Letras, em nome da população marianense, a Primaz de Minas Gerais, cenário de inúmeras ideias poéticas, religiosas, científicas; cenário de tantas lutas por liberdade e respeito aos direitos, inclusive ao de expressão da Língua Portuguesa, SEJA BEM-VINDA a esta casa de letras, à cadeira do Marianense **JOSE SEVERIANO DE RESENDE** e que as formas plásticas da poesia de Alphonsus de Guimarães, o impulso criativo da poesia árcade de Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto; a arte barroca de Lisboa e do Mestre Ataíde e a poesia aldravista, nascida, produzida e cravejada na cidade de Mariana no século XXI, iluminem sua imortalidade na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais!

A musa da cultura

Angelo Oswaldo – Membro da Academia Marianense de Letras e da Mineira de Letras. Prefeito de Ouro Preto

O nome de musa distingue à perfeição a mulher que, entre as tágides do Ribeirão do Carmo, cultiva a literatura, as artes e a história da primeira cidade das Minas Gerais. A dedicação e o zelo de Hebe Rôla para com as coisas da cultura fazem dela uma referência. Na Academia Marianense e na Casa de Cultura, trouxe aos nossos dias as lições de Moura Santos e Roque Camello por meio de sua sensibilidade singular. Por toda parte, percebem-se os reflexos dessa atuação.

Ouvir sua palavra encantadora, ler seus textos, contar com o brilho de sua presença, é o que se espera sempre no correr da vida cultural da cidade primaz. Hebe conversa com os festivos resposos da cidade e traduz a mensagem de cada sino, ao compor o hinário do carrilhão de Mariana para celebrar uma sonoridade que se tornou patrimônio cultural dos mineiros.

Os 90 anos de Hebe Rôla são motivo de grande alegria. Participo da celebração com um abraço afetuoso e o aplauso de Ouro Preto, cidade que dela sempre recebe admiração e carinho retribuídos com igual respeito.

Professora Hebe Maria Rôla: um ícone da cultura em mariana

Anício Chaves - Membro da Academia Marianense de Letras, da ALACIB e da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas

Nem todos que veem aquela senhora de cabelos brancos, esguia, impecavelmente trajada, caminhando pelas ruas de Mariana, sabem o que ela significa para esta cidade. Mas quem é ela afinal! Seu nome é Hebe e é conhecida e tratada por todos como: Dona Hebe.

O seu caminhar pelas ruas de Mariana nunca é direto do ponto inicial ao de chegada, pois, a todo momento o trajeto é interrompido para cumprimentar uma pessoa, orientar um estudante ou mesmo para contar uma história. Quem não a conhece, depois de poucos minutos de prosa, logo percebe se tratar de uma pessoa muito culta e experiente na arte de lidar com pessoas e possuidora de uma didática que se aplica a todas as classes. Suas qualidades e virtudes são muitas e isto a torna uma pessoa admirável, como mãe, como professora, como cidadã. Incentivadora de boas causas, enérgica quando é preciso e prudente sempre. Possuidora de fértil imaginação criou projetos que hoje são realidades que comprovam a sua genialidade e habilidade para lidar com a cultura e o meio de convivência.

A Academia Infanto – Juvenil, por exemplo, é uma criação que mostra dela a capacidade de conciliar pessoas em diferentes etapas de vida com uma cultura progressiva, treinando jovens para uma promissora carreira acadêmica. Observando-se as apresentações dos jovens acadêmicos em eventos culturais, pode-se notar que a interação da mestra com eles é perfeita e na interpretação dos textos eles revelam a jovialidade da mesma. A emérita professora Hebe é de uma versatilidade incrível, que nada parece ter a ver com sua idade, pois, sempre está com energia e disposição à frente dos jovens, ativa com o grupo das senhoras bordadeiras, animada nas apresentações da Banda União XV de Novembro, enfática quando declamando Alphonsus, entusiasta cantando Ataíde, contrita na procissão das almas e sobretudo muito atenta quando entrevistada, sabedora da heterogeneidade da plateia que a acompanha.

São noventa anos certamente bem vividos e dedicados à formação de muitas crianças, jovens e adultos que muito aprenderam e se divertiram com ela, pois suas aulas certamente eram recheadas de histórias e causos como ilustrações, no que ela é mestra e grande conhecedora do folclore. São noventa profícuos anos dedicados à cultura e a preservação da história e da memória, patrimônios imateriais da nossa cidade.

Parabéns, portanto, minha muito cara presidente e congreira Hebe por mais esta jubilosa data e pelos muitos serviços prestados a gloriosa Academia Marianense de Letras.

Parece que foi outro dia mesmo ao partir de um bolo no andar de cima da casa de cultura que alguém lhe perguntara pela idade e a resposta foi pronta e altiva: “oito ponto nove meu caro. É pouco!” Parabéns por tantos bons serviços prestados e lhe auguramos muitos anos mais à nossa frente, puxando o cordão dos amantes da educação e da cultura para continuar contando causos, cantado Alphonsus e decorando com Ataíde tudo que faz com tanto entusiasmo e competência que lhe são peculiares.

Com Hebe Rôla, em Mariana

Danilo Gomes – Membro da Academia Marianense de Letras e da Academia Mineira de Letras

“Mas, como o humano é frágil e perecível, teremos sempre de buscar ao redor de nós pessoas que amaremos e por quem seremos amados: privada de afeição e de simpatia, a vida não tem qualquer alegria.”
(Cícero, na obra “Lélio ou A amizade”)

Já não estou mais em Brasília, no ano de 2021, esperando a vacina contra a covid-19 para os idosos, como eu. Já não sou mais o pai de um filho, uma filha, e o avô de dois netos e duas netas. Entro numa nave do tempo, imaginada por Leonardo da Vinci ou Júlio Verne e volto à minha infância. Regresso ao ano de 1948 e essa nave fabulosa me deixa em Mariana. Estou novamente na minha cidade natal, na aurora casimiriana da minha vida. Volto a ter 6 anos de idade. Sou um menino de calça curta, pasta escolar na mão, e saio de casa, na Avenida Salvador Furtado, perto da torrefação e da Pensão Souza, de D. Ritinha e Sô Altivo. Vou para a aula particular da jovem professora Nívia Maria Santos, na Rua Direita, nº 1, no solar dos pais dela, colado à Sé Catedral.

Subo a rua onde moram José Dias e família, Canuto Muzzi e família, Wilson Petrillo e família, Celestino e Didina e família. Passo pela sede do Guarany Futebol Clube, num sobrado que foi dos meus avós maternos, Pedro e Sinhá Motta. Em frente ao Guarany, o sobrado de Paulo Muzzi e família.

Ali perto é o solar de Benjamin Lemos e família. Dobro à esquerda e entro na Rua Direita, famosa pelo comércio. É a nossa Rua do Ouvidor (Rio de Janeiro). É a nossa Rue Saint Honoré ou a nossa Rue Vivienne (Paris). O movimento ali é intenso. É uma rua alegre. O menino caminha sozinho para a aula particular de D.Nívia. Passa em frente ao solar da família de Waldemar de Moura Santos. Passa na venda de Nico “Fidirico” e compra uma deliciosa cocada preta, que vai saboreando rua afora. Comprou-a com uma moedinha com a efígie de Getúlio Vargas. Como eu disse, corre o ano feliz de 1948. A guerra acabou desde maio de 1945. As bandas de música marianenses, União XV de Novembro e São José, sempre tocam dobrados marciais que lembram as vitórias dos Aliados sobre os países totalitários do Eixo Berlim-Roma-Tóquio.

O menino chega ao sobrado do dentista Américo Vespúcio dos Santos e D. Lili, pais da jovem professora Nívia, que estudou no Colégio Providência, fundado em 1849. Sobe as escadas e vai para o salão das aulas particulares, para aprender o abecedário, as primeiras letras e frases, a tabuada e noções de coisas.

No trajeto, o menino se encontrou por acaso, naquela rua mágica e animada, com a jovem professora Hebe Maria Rôla, também formada no Colégio Providência. Todos se encontravam, se cruzavam naquela rua onde se ouvia o piano da professora D. Tereza Braga – um compasso, uma **polonaise** de Chopin, uma valsa dolente de Eduardo Souto. Era naquela rua o sobrado de Celso Arinos Motta, com suas quatro sacadas de pedra sabão rendada, onde morou, no século XIX, o Barão de Pontal. Era naquela rua o solar onde morou o poeta Alphonsus de

Guimaraens, por 15 anos, até sua morte em 1921. Era naquela rua que ficavam a farmácia de Amâncio Arinos de Queiroz e a padaria de José Eufrásio do Nascimento.

A aula terminou. Desço as escadas do sobrado das irmãs Nívia e Vera, ponho os pés novamente na Rua Direita. São 4 horas de uma alegre tarde solar. Ouço os sinos da Sé, de onde vem um olor de incenso – o Cabido dos Cônegos deve estar reunido. São os sinos que também encantam a moça professora Hebe Rôla, que vejo entrando na gráfica e papelaria dos irmãos Queiroz. Sô Abdo Nahim, na porta de sua loja, acena e sorri para os transeuntes. Sai de seu sobrado, com seu chapéu preto, o grave e venerável Sô Leandro Mol. De repente me deparo com o amável e festejado professor de latim, de apelido Punô (Lauro Moraes, na água do batismo).

Tietié Gambá passa vendendo suas verduras no grande balaio e canta que “comprador é manga de colete”. Sô Ivo passa, dando altas, estridentes e sonoras gargalhadas. Lá embaixo, à beira do Ribeirão do Carmo, a seriema encantada de D. Ritinha Souza canta esganiçada e, lá do alto das igrejas de São Francisco e Carmo, a famosa e ruidosa araponga da casa de Monsenhor Alípio dá suas marteladas na bigorna. A araponga passa o dia na varanda, que tem quatro janelas anteriores pintadas de um azul colonial.

O tempo vai passando. Na ampulheta da eternidade a areia vai escoando lenta e inexoravelmente. A jovem professora Hebe começa a lecionar. Um dia, por volta de 1949, ela recebe um chamado. Um portador de confiança diz que seu parente Geraldo Rôla Carneiro, jovem fazendeiro viúvo, solicita que ela dê aulas particulares para suas filhas Elizabeth (Betty) e Jeanete,

lá em Dom Silvério, na Fazenda da Vargem. A esposa de Geraldo (Inhô), Maria Mol Soares Carneiro, faleceu aos 27 anos, vítima de eclâmpsia, por ocasião do parto do quarto filho (o terceiro é José Geraldo, muito pequeno ainda).

Hebe, um dia, faz a mala e vai para a Estação Ferroviária, inaugurada em 1914. Ei-la agora dentro do velho trem de ferro, a caminho da Fazenda da Vargem. Vai ensinar as primeiras letras a Betty e a Jeanete, com quem, muitos anos depois, me casei em Belo Horizonte, na igreja do Carmo, em 12-12-1970. O pai quer preparar as meninas para o internato do Colégio Maria Auxiliadora, em Ponte Nova. A professora se hospeda na fazenda. Nos fins de semana, vai para a fazenda de um tio, Caetano Rôla; é a Fazenda do Caeté, perto de Barra Longa. Desfruta o delicioso ambiente rural, pastoril. Além das cavalgadas e dos passeios de charrete, há também os bolos, broas, biscoitos, rapaduras, garapas, lombos de porco com tutu de feijão, leitões assados, linguças e chouriços, queijos e doces. E o cheiro acre e bom de curral, perto do paiol e do monjolo.

Onde ficou o menino marianense, que gostava de cocada baiana preta e picolé de coco? Ele agora completou 10 anos e foi mandado para estudar interno no Colégio Dom Bosco, em Cachoeira do Campo, onde permanecerá em 1953 e 1954. Depois, por dois anos, estudará interno em Ouro Preto, no Colégio Arquidiocesano.

O tempo continuou passando. O antigo menino Danilo e a jovem professora Hebe tornaram-se amigos. Pertencem à mesma geração. A família do antigo menino era do PSD (Partido Social Democrático)

e frequentava o clube e o campo de futebol do Guarany. A família da jovem professora era da UDN (União Democrática Nacional) e frequentava o clube e o campo de futebol do Marianense. Entretanto, as rivalidades, as animosidades, os entreveros, as quizílias políticas nunca abalaram a crescente amizade. O amor a Mariana era maior que a acirrada luta política. Era e é um amor apaixonado.

Assim, Hebe Rôla e eu construímos uma sólida e maravilhosa amizade, que o gosto pela literatura e pela história de nossa terra reforçou. Tenho acompanhado com alegria sua vitoriosa trajetória como professora, educadora, acadêmica e escritora. Sou muito grato pela “graça do seu convívio e de sua afeição”, como escreveu Rachel de Queiroz referindo-se ao colega escritor (e grande escritor) Gustavo Corção (Rio, 1896-1978).

Esta modesta e singela crônica não comporta um enfoque biobibliográfico da nossa poetisa, contista, cronista, pesquisadora, folclorista e professora, atual Presidente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes e titular de outras entidades culturais. Seu incessante trabalho cultural nosso povo conhece bem. Quero apenas registrar que ela se integrou ao grupo poético Aldravia, ao lado de Gabriel Bicalho, J. B. Donadon- Leal, Andreia Donadon Leal e J.S. Ferreira. E que participa do livro “Crônicas e contos de escritoras marianenses”. Neste livro, estão, além de Hebe Rôla, Andreia Donadon Leal e Magna Campos. Nos seus contos e crônicas, Hebe Rôla evoca figuras que marcaram nossa infância e mocidade, como Ritota, China, Fanci Caiau, Chiringa, e ainda conta casos estudantis, nos leva numa inesquecível viagem de trem

até Congonhas do Campo e conta a história da parturiente Branca e de seu briguento filho Noezim, criado com “leite de cobra”... Eu diria que são casos da nossa “aldeia”, palavra que aqui não tem o sentido pretensamente pejorativo de arraial ou lugarejo sem importância. Fernando Pessoa chamava sua Lisboa natal, carinhosamente, de “minha aldeia”.

A propósito, lembro-me aqui de um dos muitos livros do escritor Napoleão Valadares, mineiro nascido no ano de 1946 em Arinos, que não é nenhuma aldeia. Esse livro de deliciosas crônicas intitula-se “Passagens da minha aldeia” (Goiânia, Editora Kelps, 2007) e dele destaco este trecho, que abre a crônica “Minha aldeia”:

“Tento recompor na memória o que foi Arinos. O tempo que focalizo é ali por 1954, quando ingressei no grupo escolar, que tinha como professor Zé de Galdino. Mas isso é outra história. Quero falar do lugar, como era naquele tempo.”

Vou terminando. Esta é apenas uma modesta crônica memorialística, com um tanto de fantasia lírica, de um velho *gaveteiro* da beira do Ribeirão do Carmo e do Morro do Galego, da Ponte de Tábuas, da Ponte de Areia e da Ponte de Cimento e também do armazém de Sô Miro, do posto de gasolina de Raul Almeida e do Rancho dos Tropeiros de Sô Catinho Camêllo, pai de bela filharada.

Na pág. 17 de seu delicioso livro de crônicas “Couves da minha horta”, publicado em 1949 pela Editora José Olympio, o cronista, memorialista e historiador carioca Vivaldo Coaracy, que morou por muitos anos na paradisíaca Ilha de Paquetá, escreve:

“Sob a suave evocação dos suaves crepúsculos da ilha, sobe a maré crescente das reminiscências. Surgem do passado, para povoar a solidão, episódios e figuras que a saudade arranca ao domínio dos fantasmas. Uns suavemente melancólicos; risonhamente alegres, outros. Impressões que a vida deixou gravadas no cérebro ou no coração.”

A maré crescente das reminiscências. É o que sinto ao escrever sobre minha querida amiga Hebe Maria Rôla Santos e nossa geração.

Sim, pacientes e amáveis leitores, vou terminando, mas voltando às origens, à primeira Capital de Minas, à Primaz de Minas (**urbs mea celulla mater**). Entro mais uma vez na cápsula interestelar do tempo e desço de novo em Mariana. É uma clara manhã azul. Encontro Hebe no Jardim de Cima. Convido-a a dar uma volta comigo pela cidade, da Chácara e dos altos da arquiépiscopal igreja de São Pedro até o Barro Preto e seu cruzeiro, lembrando-nos dos amigos que já partiram, como Jeronymo Athos Mol Santos, Salimzinho Mansur, Roque Camêllo, Pequetita e Pequenina Antunes, Miguel Ozanan de Almeida, João Décio Trópia, Paulo Godoy, José Raimundo Figueiredo, Luizinho Camêllo, Janete Nahim, Emanuel Muzzi, Nilo Ribeiro Leite, Roberto Carvalho, outros mais. Vamos dar uma volta pela Estação Ferroviária, para ver o trem misto chegar, apitando e bufando. Vamos até o Jardim de Cima, para contemplar o singelo coreto, entrar no Cine Theatro Central (nosso inesquecível Cinema Paradiso) para ver de novo “Casablanca” ou um bom e barulhento faroeste com Charles Starrett (o Durango Kid) ou Roy Rogers.

Mas isso não é possível, querida amiga Hebe Rôla – só nas nossas lembranças, na evocação da nossa

mitologia pessoal afetiva, nas nossas memórias de um tempo feliz que passou.

Brasília, 28-1-2021, no 49º aniversário de meu filho Rodrigo.

Entrevista virtual de D. Hebe Rôla no seu Nonagésimo aniversário concedida a Francisco José dos Santos Braga

Francisco José dos Santos Braga – Membro da
Academia Marianense de Letras

Na impossibilidade de entrevistar presencialmente D. Hebe Maria Rôla Santos devido à pandemia, imaginei uma entrevista ficcional ou imaginária em que HR – sigla do nome da entrevistada – concede a entrevista a FB – sigla do nome do autor. O leitor poderá questionar: “Na impossibilidade de entrevistar pessoalmente HR, não podia tê-lo feito por escrito?” Até entendo. Mas se o tivesse feito, teria sido muito real, teria perdido o meu foco, eis que o meu objetivo era ser virtual, sem a pretensão de ser linear nem exato. Deixo à entrevistada decidir qual teria sido o melhor caminho.

Vamos à entrevista:

No auge dos seus 90 anos, a professora emérita da UFOP-Universidade Federal de Ouro Preto e presidente da Academia Marianense de Letras, educadora, poetisa, escritora, pesquisadora do folclore e da cultura, entre outras atribuições, continua trabalhando e afirma não querer parar. É ela que nos conta sobre sua paixão pela educação e pelas letras numa entrevista exclusiva.

FB: Presidente Hebe, é impressionante seu dinamismo e liderança nas suas múltiplas atividades. A sr^a não pensa em descansar um pouco?

HR: Eu continuo trabalhando porque eu quero retribuir ao povo o que ele sempre me deu e me dá. Porque o povo é bom, nós precisamos só ajudá-lo a se conduzir.

FB: Além dessa questão de retribuir, é o amor pela profissão que faz a sr^a continuar?

HR: Eu não consigo parar. Eu não sei... tenho uma força propulsora que me leva às escolas. Eu considero que lá é meu lugar também. Porque eu tenho que conviver também com as outras gerações. Então, é assim uma espécie de respeito, de carinho com a criança, o jovem e o idoso da minha terra.

FB: Qual a razão de ter escolhido a profissão de educadora?

HR: Primeiro, eu queria ser advogada. Queria defender todo o mundo que não tivesse defesa. Aquele senso de justiça que a gente tem. Mas, depois, eu tive uma experiência de pequeninha no infantil: na escola eu era monitora da professora. Isso era chique demais. Eu comecei a ver que era tão bom ensinar e comecei a aprender muito para ensinar e a estudar muito para ser uma professora digna. Porque o professor que não estuda está fadado a ser considerado um mau professor.

FB: Como pesquisadora do folclore, especialmente de personagens, cantigas, linguagem dos sinos, histórias,

parlendas e causos da Região dos Inconfidentes, o que a sr^a. tem a nos dizer sobre sinos?

HR: Venho estudando os toques e repiques de sinos em Mariana e Ouro Preto desde a década de 1980 e até já dediquei um livro à criançada, intitulado “O Bem-te-sino” (2004). A obra fala de um bem-te-vi que queria ser um sino de Mariana, cidade que também conserva esse velho sistema de comunicação entre a Igreja e a população. E, para encantar ainda mais as crianças, carrego, para as minhas palestras, todos os personagens do livro, em forma de brinquedos. Antes da pandemia naturalmente, na Escola Dom Benevides (de tempo integral), as turmas do 1º ao 5º ano ficavam de olhos grudados e ouvidos atentos para não perder nenhuma das minhas explicações. Antes da palestra, costumava convocar, especialmente para a ocasião, a centenária Sociedade Musical União XV de Novembro para a abertura, tocando um trecho de Os Sinos de Minha Terra, do compositor marianense Aníbal Walter.

Assim, conclui o prefacista J.B. Donadon-Leal”:

“(…) a bela história de O Bem-Te-Sino, lapidada por Hebe, cumpre com uma função fundamental: a formação da cultura de apoio e incentivo à criatividade infantil. É isto que nos ensina a família Bem-Te-Vi ao aceitar as peripécias do filho diferente, mas ao mesmo tempo o filho se dispõe a utilizar suas habilidades para o bem social. A singela história de O Bem-Te-Sino é uma profunda aula de virtudes, além de ser um registro inequívoco da linguagem dos sinos, por pouco silenciadas das torres das igrejas históricas de Minas, mas agora perpetuada pela exaustiva pesquisa de Hebe Rôla e pela docilidade da divulgação dessa linguagem para um público em formação. Que todos os sinos cantem em sua homenagem, Hebe Rôla”.

Em 2012, houve o lançamento do meu livro “Chitarô. Cadê o Gato?”, dedicado ao público infanto-juvenil, com ilustrações criativas e atrativas, oferecendo atividades de passatempo, testes de conhecimento e leitura sintética das histórias em quadrinhos. Para além da aparente simplicidade textual, a obra privilegia a virtude da valorização dos laços familiares que proporcionam estabilidade tanto à vida das pessoas, quanto à dos animais.

FB: E na UFOP? Como foi lecionar nessa universidade tão importante?

HR: Eu tive experiências exitosas na UFOP. Um dos projetos que eu fiz lá – também foi de extensão – foi o projeto da linguagem dos sinos que resultou no “Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos”. Não era só eu: chamei outros professores para participarem. Foi muito bom esse projeto. Sempre na UFOP eu voltei os olhos para a comunidade, para casar mesmo a UFOP com a comunidade. Então, por isso, eu não trabalhei na UFOP por 40 horas no princípio, não. Fiquei vários anos no Estadual e na UFOP para fazer essa ligação entre a universidade e o ensino fundamental e médio. Eu acho que é necessária essa ligação e na UFOP felizmente a gente fez bons e sérios trabalhos, trabalhamos muito no vestibular, trabalhamos muito com a extensão e trabalhamos com a pesquisa também.

FB: Então, de certa forma, a sr^a considera que sua atividade acadêmica na UFOP despertou no seu íntimo o desejo de continuar a sua missão dentro de Academias de Letras, das quais participa?

HR: Não há dúvida de que anos a fio trabalhei com a língua e a literatura portuguesa nas escolas e na universidade. Fiquei muito familiarizada com muitos poetas simbolistas, em especial com a obra poética de Alphonsus de Guimaraens, marcadamente mística e religiosa. Esses meus estudos de suas obras me despertaram para a minha própria produção poética, como exerceram em mim um fascínio pelas Academias de Letras por sua característica de serem um local propício para troca de experiências intelectuais e divulgação de ricos trabalhos e pesquisas.

FB: De que Academias a sr^a participa hoje?

HR: Bem. Sou presidente da Academia Marianense de Letras com muita honra, depois que Dr. Roque Camêllo nos deixou em 2017. Como era sua vice-presidente, fui eleita para sucedê-lo, como é natural nesses casos. Trabalhei com Dr. Roque por cerca de dez anos e fiz por onde ter a sua confiança como sua vice, além de termos muitas características em comum: o magistério, a produção literária, o amor à língua portuguesa, o culto às letras e às artes, e, acima de tudo, nossa identificação no ardente desejo de alçar Mariana ao pedestal de Primaz do Brasil. Você sabe o quanto eu admirava Dr. Roque.

FB: Qual foi a sua participação no convite dirigido a mim para pertencer à Academia de Mariana?

HR: Todos sabemos que era desejo de Dr. Roque trazê-lo para o nosso convívio. Quando ele não se achava mais entre nós, achei por bem respeitar o desejo dele. Mas não só dele: o escultor marianense

Hélio Petrus se empenhou muito para vê-lo empossado. Igualmente, os Acadêmicos Dom Francisco Barroso Filho e Frederico Ozanan Santos também endossaram o seu nome. Mais tarde, conforme você sabe, a Diretoria Executiva decidiu sugerir-lhe o nome do próprio Roque Camêllo para seu patrono, destinando-lhe a Cadeira nº 23, que você ocupa desde 1º de junho de 2019.

FB: Além da Academia Marianense de Letras, a sr^a participa de outras Academias?

HR: Fui honrada com o convite de outras Academias para pertencer ao seu quadro de sócios. Ocupo desde 2011 a Cadeira de nº 317 na AMULMIG-Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, cujo patrono é José Severiano de Resende, poeta marianense simbolista, e a Cadeira nº 5 da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil - Mariana, cujo patrono é Alphonsus de Guimaraens.

Tenho ainda a grata satisfação de pertencer, como membro efetivo, ao Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, e de ser Secretária da Aldrava Letras e Artes e Embaixadora Universal da Paz pelo Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à Organização das Nações Unidas (ONU).

FB: Como detentora de diversas honrarias, qual delas lhe dá mais orgulho, além de ser professora emérita da UFOP?

HR: Agradeço-lhe a lembrança desses gratos momentos em minha vida. De fato, tenho idêntico

orgulho da Medalha do Dia de Minas, concedida pelo governo mineiro; a Comenda Padre Avelar, pela Câmara Municipal de Mariana; a Medalha Cláudio Manoel da Costa, pelo Centro de Ensino Federal Tecnológico de Ouro Preto; a Comenda Irmã Dulce, pelo Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais na Confederação das Academias de Letras e Artes do Brasil. Valorizo igualmente todas essas demonstrações de carinho para com o meu trabalho, porque significam um reconhecimento de meu destaque em algum projeto que desenvolvi ou que venho desenvolvendo através de contação de causos e histórias nas escolas estaduais e municipais da Região dos Inconfidentes, criando a Academia Infanto-Juvenil de Letras e Artes de Mariana, dirigindo um curso de iniciação ao teatro ou, por fim, criando e promovendo o “Cantando Alphonsus”, em parceria com o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.

Olha. Os prêmios para mim me entristecem um pouco. Por um lado, eu fico feliz com eles, por serem uma honra muito grande. Mas ao mesmo tempo eu penso: “Gente, eu tenho que trabalhar muito mais para fazer jus a essa titulação que eu ganhei. Eu vejo nisso uma responsabilidade igualmente grande. Aí eu começo a trabalhar mais, mas meu organismo hoje já não pode competir com um jovem.

**Para Hebe Maria Rôla Santos, marianense,
Professora de todos nós!**

Gabriel Bicalho – Membro da Academia Marianense de
Letras, da AMULMIG, da ALACIB-MARIANA e
Presidente da ALDRAVA LETRAS E ARTES.

não a vermelha maçã
nossa merenda escolar
o que lhe devemos dar

nem a rosa amanhecida
furtivamente colhida
em nossos jardins da infância

o que lhe devemos dar?

um abraço/um beijo
um pedaço de queijo?
(pois Hebe é mineira!)

uma placa
/talvez/
um busto na praça?
um nome de rua?

um pedaço de lua!

(pois Hebe é poeta!)

como deveremos tratá-la?
com carinho e respeito
na mansidão da fala

Hebe Maria Rôla:

- a) dos Santos?
- b) dos Anjos?
- c) de Deus?
- d) de todos nós!

acima
do bem ou do mal
Hebe Rôla
devemos pô-la
num pedestal!

Hebe que sonha
e que se multiplica:
Hebe senda
Hebe lenda
Hebe pacífica
Hebe política
Hebe acadêmica
Hebe polissêmica
Hebe prosa
Hebe verso

Hebe oradora
Hebe universo
Hebe diretora
de faculdade
não tem idade
e embora não conte
Hebe bebe
água da fonte
da juventude!

devemos pô-la
num pedestal
acima
do bem ou do mal:
Hebe Rôla
de quem se ufana
nossa Mariana!

Nem sempre, de um Professor,
cuidado, assim, se concebe:
eis que brota um grande Amor,
dos saberes de nossa Hebe!
- Fevereiro-2021

Hebe Rôla – 90 anos. Pepitas curriculares

Dr. José Anchieta da Silva – Membro da Academia
Marianense de Letras. Patrono: Dom Silvério Gomes
Pimenta.

A professora Hebe Rôla, a caminho de seu centenário, celebrando 90 anos de existência, recebe a homenagem daqueles que lhe são próximos ou que, quase próximos também participam dessa necessária celebração. Por evidente que pertença ao segundo grupo, com o mesmo entusiasmo embora.

O convite para participar da celebração, estava a solicitar a produção ou de uma crônica, ou artigo, ou conto, ou poesia. Não consigo ombrear-me com meus confrades e congreiras para fazê-lo. Resta-me, sobre a homenageada, praticar uma necessária delação, ao estilo moderno, uma delação premiada, denunciando dela, aquilo que sei e que mereça, nalguma diminuta medida, ser reduzido a termo.

Nasceu Hebe Rôla em 1931, o que faz dela um testemunho-infante da segunda guerra mundial (1941-1945) e o que a torna uma figura que terá vivido como nós outros, a terceira guerra mundial, cujo inimigo da humanidade, único e atrevido, é o coronavírus (Covid-19) e que há de ser brevemente vencido pela ciência e pela compreensão dos pró-

homens de uma sociedade de gente-bem que não aceita colocar em confronto a ciência com a política. Nesse embate, quem se ridiculariza é a política, nunca a ciência. Assim, com esta segunda vitória, Hebe Rôla terá acumulado na sua longa existência duas vitórias em termos universais.

O fascínio que me cativa, sintetizado nos embates com a discussão científica de todos os temas da minha área de conhecimento e a vida acadêmica é que nos aproximou, colocando-me genuflexo diante da biografia da homenageada: escritora, pesquisadora, professora. Isto é tudo. Tenho a honra de ser dela confrade na Academia Marianense de Letras e na Academia Municipalista de Minas Gerais, nesta segunda, ela representando o município de Mariana, a Roma de Minas, e eu representando o município da Santa Bárbara, a terra do presidente Affonso Augusto Moreira Penna.

Como lente, a professora Hebe Rôla ensinou e ensina Língua Portuguesa e suas literaturas; Língua Portuguesa e Produção de Textos. Seus altares ou púlpitos de pregação, foram ou são, a Universidade Federal de Ouro Preto, a Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Mariana, Curso de Filosofia do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, além de escolas de ensino fundamental na região de Mariana. É, portanto, Hebe Rôla, uma das últimas guardiãs da ‘última flor do Lácio, inculca e bela’ na expressão feliz de Olavo Bilac, que não pode ser esquecida, nesses tempos em que se conversa com os dedos, cabisbaixo, e monossilabicamente.

Presidindo a Academia Marianense de Letras, com o falecimento do amigo e conselheiro Roque Camêllo, a homenageada professora Hebe se superou. A substituição do presidente anterior, falecido sem maiores avisos, colocou em risco a continuidade da mais ativa de todas as academias tradicionais de nossa Minas Gerais. Recaindo a escolha sobre o nome da acadêmica Hebe Rôla, o timão foi entregue a timoneira que sabia o valor do navio, a relevância de seu conteúdo e os mares por onde navegava. É Hebe Rôla a responsável número um pela continuidade de todas as atividades dessa academia, das mais expressivas no cenário cultural de Minas e do Brasil.

Antes de terminar, busquei nas estantes da autora a obra que – para este escriba – representa a síntese de seu trabalho intelectual, porque de maior representação para a história de Minas Gerais mais do que tricentenária. Escreveu Hebe o ‘Pequeno Dicionário da Linguagem dos Sinos’. Obra única. Relevante pelo seu sentido histórico; pelo conteúdo da expressão – da comunicação – da sociedade da Minas barroca católica com a sua comunidade. No seu discurso, o papel de Hebe foi o de tocar a todos os pulmões, a trombeta da história contada através dos sons dos sinos de nossas igrejas, a celebração, sua solenidade, seu lamento, mas, principalmente o seu recado e a sua mensagem. A obra de Hebe Rôla fez o papel de um ‘muezim’ oráculo que sobe ao alto dos minaretes para, cinco vezes ao dia, convidar os fiéis à reza e à oração.

Antes ainda do fim, foi Hebe Rôla que pesquisando acresceu relevante informação sobre o sentido da expressão que se usa em Mariana para identificar o comportamento do Marianense dos tempos das lavras e da mineração de aluvião. O ‘gaveteiro’ não é apenas aquele que esconde a sua comida nos gavetões de suas salas-cozinhas, mas também aquele que no trabalho de ourives abria à frente das fresas, uma ‘gaveta de lavar’ para recolher a limalha do outro que saltava da fricção dos instrumentos. É cultura, e é nossa, só nossa. De Mariana e de Minas Gerais.

Caríssima homenageada, não se esqueça de nos convidar para os festejos da celebração de seu centenário. É o que lhe desejo. Quando disse, na abertura deste adminículo que pretendia promover uma ‘delação premiada’ confirmo agora: aqui está a delação. O prêmio é o de privar-me de sua amizade (prêmio já recebido) e, certamente, o de ser convidado para a celebração de seu centenário.

Hebe Rola

J.S.Ferreira – Membro da Academia
Marianense de Letras, da ALACIB-MARIANA, da
AMULMIG e da ALDRAVA LETRAS E ARTES

À Hebe M. Rola Santos

Hebe, voa:
aqui, ali, acolá!

Sobe na torre,
bate o sino:
tem! Tem! Tem!
Acorda, Francisco!
Acorda, Roque!
O sol está a pino,
vamos sair por aí...

- Hebe, desce daí!
- Já vou í...!

Hebe, voa
mais longe,

sobe até o Itacolomi.

- Hebe, venha cá!
Esta menina é fogo,
não pára!

Cadê a Hebe?
Sumiu!

- Não! A ela ali!
- Ali onde?

Nos braços do conde!
- Mi lorde!
Você por aqui?

Daquelas oportunidades de Ofir

Luciano Guimarães Pereira – Membro da Academia
Marianense de Letras

Eu tive uma oportunidade preciosa. Daquelas nem sempre nos damos conta. Neste caso, dei sim: fui aluno da Professora Hebe Rola. O encontro aconteceu na Escola Estadual Dom Silvério. Ela era a nossa professora de Literatura.

D. Hebe nos levava ao enamoramento da palavra pelas histórias que a palavra conta. A história dos fatos que, por mais históricos, trazem sempre um tanto de versão. Ou pelas histórias de fatos sem fonte, versões que acabavam interferindo na História. E se a história pode ser mais bela, pela forma como se conta, ela nos estimulava a tocar a beleza da forma como as palavras se unem.

A palavra ensinada pela professora Hebe carregava sempre uma responsabilidade. Especialmente para nós que vivíamos na primeira cidade de Minas. Esta responsabilidade, ela ensinava, era fruto do que herdamos, a cultura construída pelos que nos antecederam e que deveríamos preservar para nós e para as gerações futuras.

Com esse pano de fundo, as aulas de literatura ultrapassavam a sala de aula e iam se espriar nas feiras do livro da Casa de Cultura, nos abraços ao Ribeirão do Carmo, na reconstituição dos fatos que levaram à fundação da nossa escola, da vida do seu

patrono Dom Silvério. Aliás, Dom Silvério, ela ensinou, foi um jovem pobre que para estudar ia à noite sentar-se à luz tardia dos postes antigos. “Luz do Poste” foi o nome de um jornal que ela nos estimulou a criar. Como não dava tempo de organizar em sala, ela nos recebia em sua casa nos finais semana, propunha piqueniques urbanos ou silvestres para que nossa criatividade, tão incitada pelo seu ensinamento, não encontrasse restrição.

As letras assim ensinadas tinham cor, sabor, altura e muitos pesos. Lidar com as palavras era como voltar ao início da infância, era como brincar com massinha de modelar. Aquela letra ali era monótona, mas se perto desta outra, ficava agitada, até mesmo brava. Às vezes era bom deixar ela brava, às vezes modelávamos outras e tudo ficava sereno e solene. E se você gosta do bravio, tudo bem. Se você gosta do calmo, também. D. Hebe nos estimulava a ter nosso estilo, a ter presença e fazer dessa presença respeitada na justa medida da presença da palavra do outro. Para D. Hebe, literatura é mais bonita se ela é plural e inclusiva. A palavra feia é a palavra que segrega, que diminui a linguagem do outro.

Ao longo da vida, outros encontros vieram com a minha sempre mestra. Quando quis escrever um livro aos 14 anos, por exemplo, era ela que aos finais de semana ou à noite, me recebia em sua casa. Corrigia, sugeria e estimulava aquele irritado leitor e imberbe juntador de letras. Aquele livro não chegou a ser publicado, mas foi um patuá a abençoar sonhos disruptivos.

E este é o paradoxo da linguagem que sintetiza o ensinamento de D. Hebe: a palavra é também

tradição, mas até nisso, ela inova. Ela transforma, mesmo quando preserva. É um movimento que nem sempre nos damos conta, mas sabemos que está lá. A cultura é vida. E a vida só existe na pulsação, no movimento. Ora vamos aqui, ora estamos lá. Centramos, descentramos, decentramos e seguimos na tarefa que só é perfeita quando ela não acaba.

PROLEGÔMENO

Dr. Luiz Tyller Pirola – Membro da Academia
Marianense de Letras

Fiz esta poesia em comemoração aos noventa anos da Professora Hebe, Presidente da Casa de Cultura-Academia Marianense de Letras. Hebe é professora Emérita da Universidade Federal de Ouro Preto, minha amiga e colega, tive o prazer e o privilégio de tê-la como Vice- Diretora, quando fui Diretor do ICHS, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Ouro Preto.

O Ribeirão a que me refiro, é o Ribeirão do Carmo que corta a cidade, outrora límpido, e hoje receptáculo de esgoto e de pobres faiscadores de ouro, que, ignotamente, poluem suas águas com mercúrio, bem ali, no centro da cidade, em meio ao esgoto. O Ribeirão do Carmo é formador do Rio Doce, o sagrado WUATU, para os **KRENAK**, que foram cruelmente separados de seus cultos aos ancestrais pela improbidade criminosa da mineração. Veja-se Ailton Krenak, em suas belíssimas palestras e seus escritos, disponíveis na rede.

Os animais de carga são uma marca indelével em Mariana. Eu mesmo, muitas vezes utilizei, para meu fogão a lenha e minha lareira, meia besta de lenha. Isto é, meio carregamento de lenha em uma mula,

sim, lindas mulinhas de carga, nunca sobrecarregadas. Além disso, quando aqui cheguei, no finalzinho de 1983, vi, muitas vezes, boiadas atravessando o centro da cidade. Meu Deus, que cena maravilhosa!!!!

Terra de Sonho, sim, pois, para mim, que sou paulista, e para todos os amigos com quem tenho contato e que por aqui vieram, a impressão primeira que tiveram, estando no Centro Histórico, e olhando ao redor, nas montanhas, é exatamente esta: Terra de Sonho.

E mãos limpas que abraçaram o Ribeirão do Carmo, simples! Hebe, lá, na década de 1980, reuniu, mas antes conscientizou, alunos da rede de ensino do município, e fez um enorme Abraço no Ribeirão do Carmo, para mostrar o enorme descaso do poder público com o que era o lindo Ribeirão que, um dia, foi testemunha, de um ideal de liberdade. Aqui, em Mariana, simplesmente, assistiu Cláudio Manoel da Costa, o grande poeta Arcadista, assassinado na Casa dos Contos, em Ouro Preto, na Inconfidência Mineira. Sim, “quem é bom, mandam matar”, já em lápide de ouro, imortalizou, Cecília Meireles.

Em seguida refiro-me aos belíssimos ipês que restaram, alguns amarelos e brancos bem perto de minha casa, que, ciosos de sua beleza, florescem apenas por poucos dias, e deixam na memória dos homens, belíssimos tapetes multicoloridos. E, claro, é escusado dizer da ganância e da usura que tudo arrasa em nome do lucro!

E por fim, a mudança, os ritos e costumes que mudam, pessoas, gentes diferentes na velha cidade que aos poucos também sente o peso dos anos, massacrada pelo descaso, envelhece, e alguém, não sente o passar dos anos, pois foi escalada pelos deuses para ser testemunha de tudo o que, bem ou mal, aconteceu.

Obrigado a todas e todos pela atenção!

Chuva em meio à densa bruma

Frio recolhendo os parques passantes

Do alto os campanários são mal divisados

Repentinamente um corisco fugazmente

Faz brilhar a silhueta dos altíssimos templos

Os casarões seculares parecem estremecer

As ruas tão batidas pelos humildes animais de carga,

Agora por pesadas cargas que nada lembram

As cargas de outrora

No Ribeirão, formador do sagrado WUATU

Pescava-se, era cristalino como esta Terra de Sonho

Mais tarde, um dia como este dia em que vivemos
Foi abraçado por mãos limpas como raios enviados
Por Hélio de seu Flamejante Carro de Fogo.

A cidade esprou-se pelas colinas e morros
Tantas e quantas vezes os ipês floriram
Naturais tapetes multicoloridos que restaram
À avareza, à ganância e à miserável usura

Sim, o tempo impôs inexorável mudança.
Ritos novos, novos costumes na velha cidade
Nada, nada me causa estranheza
A cidade, ela mesma, envelheceu
Eu, não, não envelheci, sou apenas testemunha
De tudo que, mal ou bem, aconteceu.

Tyler, Mariana, Em 02/02/2021

Hebe Rôla, guardiã da cultura marianense

Rafael Arcanjo Santos – Membro da Academia
Marianense de Letras.

Feliz aniversário! Que nesta sua data natalícia, a luz brilhe intensamente em sua vida, pois você é orgulho e alegria muito grandes para a comunidade marianense. Você comemora mais um ano de profícua existência, noventa anos de muitas bênçãos de Deus!

Parabéns, professora Hebe, pela vida especial que você carrega em seu coração, na alegria de promover a construção de projetos que elevam a dignidade humana. Hebe direciona seu carisma não para a autopromoção, mas para uma produção intelectual e cultural que contagia a todas as pessoas que estão envolvidas no brilho de sua sabedoria, compartilhando sem restrições seus profundos conhecimentos.

Tantas pessoas já passaram pela sua vida, ao longo desses 90 anos. Eu sou um desses privilegiados, pois desfruto de seu convívio desde a infância, tendo a Jovem Hebe como minha socorrista, nas muitas vezes em que caí nas escadas de minha casa na Rua Direita. Lembra? Continuei minha trajetória na sua vida, quando se tornou minha professora de Português, no extinto Colégio Dom Frei Manoel da Cruz. Você, grande educadora, sempre fez seus alunos se sentirem especiais e pessoas capazes de alcançarem seus sonhos. As lições que aprendi com sua sapiência estarão sempre comigo no meu coração de na minha mente.

Há pessoas que marcam a nossa vida, que com suas orientações e ponderações despertam algo especial em nós, que abrem nossos olhos de modo irreversível e transformam a nossa maneira de ver o mundo.

Tornei-me um membro da Diretoria da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes desde o início de sua presença na presidência desse sodalício cultural. Sinto-me orgulhoso por contar sempre com sua confiança. Sua amizade é muito especial para mim. Cada segredo confessado, cada abraço apertado e cada conselho trocado toram essenciais, para a construção de nosso relacionamento fraternal.

Algumas pessoas marcam a nossa vida, deixam mensagens que nunca se apagam das nossas mentes, que se tornam aprendizados que carregamos para sempre. E nem sempre é por meio de palavras que aprendemos. Ética, generosidade, amizade e sensatez são virtudes que se veem nas ações que a norteiam e que ficam de exemplo e inspiração.

Parabéns, Hebe! Você foi e será sempre uma das pessoas mais marcantes de minha formação educacional. Sua presença em minha vida é referência para repensar o valor da arte sublime da literatura e da música, incentivando-me sempre no meu ofício de músico. Por isso, e por muito mais, eu a admiro profundamente e nutro uma grande estima pela sua grandiosa pessoa.

Obrigado por sua dedicação, paciência e carinho para com todas as pessoas que a procuram

para obter informações e conselhos. Os meus aplausos pela sua incansável dedicação ao seu trabalho, que, com tanto entusiasmo e verdade, dá exemplo de como a lida diária deve ser proficientemente exercida.

Sempre olhei você com grande admiração e verdadeiro apreço. Seus profundos conhecimentos, ao longo desses anos, foram uma bênção que me preenchiam e me enriqueciam de forma abundante. Não há um dia em que não aprenda algo novo, uma nova história, um exemplo diferente. Que prazer, desfrutar de sua sabedoria!

Acime de tudo, por trás dessa função que você desempenha exemplarmente à frente da Casa de Cultura – Academia Marianense de Letras Ciências e Artes está um ser humano admirável, sempre disposto a apoiar e orientar seguramente. Palavras de gratidão serão sempre escassas, para quem dá tempo de si em benefícios de outrem sem solicitar contrapartida. Pessoa assim acessível e atenciosa é raridade no mundo atual.

Todas as homenagens que eu possa fazer a você serão sempre poucas. Apesar da idade, noventa anos, seus dias são ocupados com preocupações e ações em prol das instituições às quais você é vinculada, apesar da pandemia de coronavírus que assola a nação brasileira.

Nesse momento raro na vida humana, em meio a uma devastadora pandemia, quero expressar o meu profundo reconhecimento e agradecimento a você, professora e confrreira Hebe Rôla, que durante toda

sua vida aprendeu a ensinar. E que todas as luzes divinas a incentivem a continuar preparando as mentes para o futuro, ensinando seus discípulos, de todas as idades, a descobrirem horizontes nos caminhos da vida!

E que alvoradas, sóis a pino e crepúsculos, no dia 23 de junho de 2021, sob as graças de Deus, recaiam sobre sua vida! Você é especial aos olhos de Deus e aos olhos de todos os que tiveram o prazer de cruzar o seu caminho.

Parabéns, muitas felicidades! E que Deus lhe conceda muita saúde, muita paz e muitas alegrias! Deus derrame sobre você, Hebe Rôla, muitas bênçãos e muitas graças ao seu nobre coração!

Rafael Arcanjo Santos – professor de História e Geografia. Aposentado. 73 anos. Bibliotecário da AML.

Acróstico de Rafael A. Santos

Hoje desfrutas de louros da safra de tua vida,
Efígie de um poder que emana de teu coração,
Benemerência que a poucos Deus privilegia,
Emérita educadora, esparge cultura e alegria.

Mulher talentosa, inteligente, de refinado saber.
A estrela que brilha dentro te suaviza e aclama
Rico sentimento que alimenta e enobrece a alma
Importante instrumento que vivifica o nosso ser,

Anseio natural que converte o sonho em certeza.

Reaçando as virtudes de tua suave candura,
Ostenta no rosto a leveza de teu sorriso angelical,
Laureado de flores perfumosas, pleno de ternura.
A caminhada nonagenária inspira uma suave canção.

Sempre inspirada, mesmo nos percalços da dura lida,
A trajetória vivida é árdua, mas de pura emoção,
Natural percurso de quem labuta fervorosamente;
Tenacidade que exige perspicácia permanente
Os méritos e virtudes são e serão somente teus,
Sobretudo o amor, que brota do coração de Deus.

HEBES

Samylla Mól – Membro da Academia Marianense de
Letras

No Olimpo
Hebe era a juventude
Com seu frescor e energia

Filha de Zeus e Hera
Ela servia aos deuses
Bela, musa
Inspiração

Será isso dom de Hebes?

Em Mariana
nossa Hebe serve à cultura
Culta, mestra
Doação

Hebe sabe do choro dos rios
Da linguagem dos sinos

Da fome das mentes
Das gentes

Hebe é por aí
Tal como chuva de flor

Nas escolas, nas ruas,
Na faculdade, nas praças
Ela é presença poética, alegria, amor

Hebe faz 90 semeando versos
Regando imaginários
E contando causos,
entre sorrisos largos.

Realização



Apoio

